

A luta dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial: *É Isto um Homem* e o *Diário de Anne Frank*, duas faces do mesmo acontecimento

Josefa Robervania de Albuquerque Barbosa

Universidade de Pernambuco
Surubim - Pernambuco - Brasil
robervania1998@gmail.com

Resumo: Este artigo¹ tem por objetivo descrever Auschwitz III – Monowitz e o Anexo Secreto a partir das obras “*É Isto um Homem?*”, de Primo Levi, e o “*Diário de Anne Frank*”, de autoria da mesma, levando em consideração o tipo de escrita e o momento da escrita de ambos. Assim, discutiremos de forma breve os conceitos de memória, testemunho e a escrita de si, tendo como base os autores: Michael Pollak; Márcio Seligmann-Silva; José Antônio Zamora; Aremys Santos e Fernanda Andrade. Já no que se refere à análise das fontes, usamos o método histórico-descritivo, que nos permitiu preservar e fazer um novo registro do testemunho de Primo Levi e os registros pessoais de Anne Frank, ambos essenciais para se compreender a Shoah por duas realidades distintas. Salientando que essa é uma pesquisa de natureza básica, cuja abordagem é qualitativa e visa novos conhecimentos para essa temática de suma importância e que, ao mesmo tempo, mantém viva a memória das vítimas da Shoah.

Palavras-chave: Primo Levi. Anne Frank. Memória individual e coletiva. Testemunho. Escrita de si.

Introdução

Muito se conhece sobre Auschwitz, afinal foi o grande marco do Holocausto. Foi o lugar onde ocorreu o extermínio de milhares de judeus e tornou-se um símbolo do sofrimento, pois trata-se do local onde o homem foi capaz de cometer as maiores barbaridades com outro homem, tanto física quanto psicologicamente. Assim, encontramos no testemunho de Primo Levi o sofrimento pessoal dele e o dos demais judeus também prisioneiros, que viveram naquele campo e tiveram experiências semelhantes.

Por outro lado, o Holocausto não se resume a Auschwitz, em paralelo ao sofrimento do campo também havia centenas de judeus que se escondiam de modo precário, a fim de não serem capturados. Era uma maneira de lutar pela sobrevivência própria e também dos seus. Assim, sem dúvidas, o esconderijo mais conhecido é o Anexo Secreto, cujo cotidiano foi registrado por Anne Frank em seu diário pessoal. A jovem viveu no espaço com sua família enquanto se escondiam das forças nazistas. O registro de Anne representa a esperança pelo

¹ Artigo apresentado, em junho de 2021, à banca examinadora da Universidade de Pernambuco – UPE como requisito para obtenção do título de graduada em Licenciatura em História, sob orientação da Prof.^a. Dra. Marina Magalhães Barreto Leite da Silva.

fim da guerra e de ser novamente livre, vivendo uma vida normal, assim como também os sonhos dos jovens adolescentes que foram ceifados pela maldade do homem.

Temos importantes autores que falam sobre ambos os registros, a exemplo de Fabricio Paiva Araújo (2019) que faz uma análise interessante da obra *É Isto um Homem?*, de Primo Levi, e traz considerações importantes acerca dos aspectos da memória do sobrevivente, uma vez que se trata de uma memória traumática carregada do terror que foi viver em Auschwitz. Temos também Marilda Sarmiento Luís (2019) que faz, em sua monografia, reflexões contundentes acerca do Diário de Anne Frank, mostrando outra realidade do holocausto, a dos judeus que viviam escondidos, além de focar na análise da linguagem e da escrita do diário como um documento histórico importante para o estudo da memória. A autora também faz a análise do contexto familiar e do espaço que Anne estava inserida.

De modo geral, Anne e Levi nos levam a compreender um pouco mais de duas realidades difíceis e distintas ocorridas durante o holocausto. Obviamente, não representam o todo, uma vez que cada experiência é única e cada indivíduo reage e a vive à sua maneira. Porém, ambos nos dão a possibilidade de conhecer duas situações extremas e bastante comuns nesse período. Assim, temos por objetivo, nesse artigo, descrever Auschwitz III – Monowitz e o Anexo Secreto a partir das obras *“É Isto um Homem?”*, de Primo Levi e o *“Diário de Anne Frank”*, de autoria da própria Anne, levando em consideração o tipo e o momento da escrita de ambos.

Auschwitz, memória e testemunho

Em 1º de setembro de 1939 eclodiu a Segunda Guerra Mundial, marcando o século XX, a história da humanidade e, claro, o povo judeu. Auschwitz foi um marco dessa guerra e do holocausto², pois foi o campo de concentração e de extermínio que mais eliminou judeus. Assim, consideramos importante ressaltar a origem desse campo e, para tanto, recorreremos ao documento produzido pelo Museu Auschwitz-Birkenau. Segundo o mesmo, os campos de concentração foram uma consequência da ideologia nazista e daquilo que Adolf Hitler pregava. Hitler afirmava que estava “limpando” o mundo das impurezas, em outras palavras, eliminando aqueles que não pertenciam à raça ariana e que eram considerados inferiores, principalmente judeus, ciganos, homossexuais, deficientes. Assim, os campos de concentração surgem para

² Existe uma discussão teórica acerca do termo Holocausto, na qual esse está ligado a um sacrifício a Deus, ou seja, o sacrifício em geral de animais, a fim de pagar por um pecado. Em contrapartida, temos o termo Shoah que significa calamidade, sendo, portanto, o termo mais adequado para se referir ao que aconteceu aos judeus. Assim, optamos por usar o termo Shoah no presente artigo (PELUCIO, 2014).

aprisionar as pessoas “indesejáveis”, “impuras” e que estavam sujando a sociedade. Salientando que esses campos começaram a ser criados em 1933 e inúmeros foram construídos. O campo Auschwitz só foi fundado em meados de 1940, após o início da Segunda Guerra.

Auschwitz foi fundado na periferia de Oswiecim, uma cidade polaca que já havia sido anexada ao Terceiro Reich e que, assim como o campo, recebeu o nome alemão de *Konzentrationslager Auschwitz*. Contudo, a cidade em si foi praticamente destruída para a instalação do campo e a população local foi expulsa. A princípio, esse campo foi fundado para aprisionar os polacos que estavam sendo presos pela polícia alemã e que, naquela altura, já estavam em grande quantidade. Cabe ressaltar que durante todo seu período de existência não deixou de exercer a função de prisão, mesmo quando deu início ao extermínio judeu, em 1942. Este foi o ano em que teve início a segunda parte do campo e o maior complexo de Auschwitz que recebeu o nome de Auschwitz II – Birkenau, cuja principal função era o extermínio em massa dos judeus, sendo mortos cerca de 1,6 milhão de pessoas por meio das câmaras de gás, que eram disfarçadas de banheiro, onde as pessoas entravam para um “banho”. O “banho” dava fim a suas vidas e, posteriormente, seus corpos eram levados ao crematório, que também ficava no campo (CYTRYNOWICZ, 1995).

Mais tarde, foi criada a terceira parte do campo, Auschwitz III – Monowitz que também era chamado de Buna em referência ao nome da fábrica que estava sendo instalada no referido campo. Em novembro de 1944 o mesmo ficou independente e a maioria dos subcampos de Auschwitz ficou sob sua administração, salientando que, com a independência, esse campo passou a ser chamado de KL Monowitz. Em suma, como disse Cytrynowicz (1995), essa terceira parte do campo era basicamente um conjunto de 46 campos de trabalhos forçados, cujo foco era a indústria. Daremos mais ênfase ao dia a dia desse campo mais adiante, tendo como referência o testemunho de Primo Levi, um prisioneiro judeu de origem italiana que sobreviveu ao mesmo.

Santana (2008, p. 233) nos diz que Auschwitz era muito mais que um campo de concentração e de extermínio, além de ser peça fundamental de um projeto nazista, era “[...] um grande conglomerado empresarial composto de fábricas, depósitos, minas, atividades agrícolas, hospital, padaria, farmácia, laboratórios, sustentado em um custo de mão de obra igual a zero, ou seja, o trabalho utilizado pelos detentos”. Assim, observamos que Auschwitz era uma verdadeira máquina de destruição para os prisioneiros, principalmente para os judeus, e contribuía de forma contundente para os projetos e planos nazistas. O assassinato em massa nos campos de extermínio e de concentração era algo completamente natural e fazia parte de uma rotina. Assim, segundo Blikstein (2016), os fornos onde os prisioneiros eram cremados eram escolhidos a dedo, buscava-se sempre o melhor forno para aquele tipo de serviço, e o que

mais assusta é a naturalidade com que se fazia todo esse procedimento. Além disso, tudo era feito de modo que não fossem deixados rastros ou pistas, pois, sem esses, não havia como provar o crime e os testemunhos dos sobreviventes perderiam a credibilidade. O autor ainda fala do divertimento dos agentes nazistas dizendo aos prisioneiros que, se caso eles saíssem dali, seriam ignorados pelo mundo, pois ninguém acreditaria em seus testemunhos e, de fato, esse medo assombrava os internos que tinham esperança em sobreviver e voltar para suas famílias. Esse terror psicológico era tão grande que, enquanto dormia, ainda no campo, Levi chegou a sonhar em sua volta para casa. No sonho, estando em seu seio familiar, ele conta sua experiência, seu sofrimento, em outras palavras ele dá seu testemunho, mas seus familiares não o deram atenção, apenas o deixaram ali:

Aqui está minha irmã, e algum amigo (qual?), e muitas outras pessoas. Todos me escutam, enquanto conto do apito em três notas, da cama dura, [...]. Conto também a história da nossa fome, e do controle dos piolhos, [...]. É uma felicidade interna, física, inefável, estar em minha casa, entre pessoas amigas, e ter tanta coisa para contar, mas bem me apercebo de que eles não me escutam. Parecem indiferentes; falam entre si de outras coisas, como se eu não estivesse. Minha irmã olha para mim, levanta, vai embora em silêncio (LEVI, 1988, p. 60).

Nesse momento, cabe ressaltar que, segundo Zamora (2018), os campos de concentração eram organizados de maneira a destruir a subjetividade dos prisioneiros, dentro de um contexto no qual eram submetidos às mais diversas humilhações e situações violentas, reduzindo ao nada a dignidade humana. Ainda segundo este autor, existe uma distinção entre os campos de concentração e os de extermínio, sendo os segundos uma fábrica de mortes, ou seja, o objetivo central desses campos era o aniquilamento do corpo, a morte em massa. Nesse contexto, o autor destaca que Auschwitz foi palco de uma crueldade tremenda, a qual não temos palavras para descrever e, por essa razão, a memória desse campo e do sobrevivente é uma memória perigosa e difícil. Isso se dá pois “[...] o sujeito que é constituído pela memória de Auschwitz não surge como um todo idêntico a si mesmo, mas como um eu frágil e problemático (ZAMORA, 2018, p.13)”. O funcionamento de Auschwitz foi organizado de forma que roubasse a identidade, a dignidade, o eu pessoal como um todo, provocando uma série de memórias traumáticas e transtornos. Mesmo após a libertação do campo os sobreviventes passaram a conviver com essa memória, uma memória carregada de eventos desumanos e absurdos.

Apesar de dolorosa, a memória dos sobreviventes é fundamental para melhor compreendermos o que se passou em Auschwitz, afinal, não existem indivíduos mais indicados para explicar o funcionamento do campo do que aqueles que ali estiveram na condição de prisioneiros. Porém, como diz Pollak (1992) a memória é seletiva, geralmente só se recorda daquilo que mais marca o sujeito, e isso não é uma memória absoluta, apenas uma parte da

memória daquela pessoa. Além disso, existem vários tipos de memória, como a coletiva, a individual e a organizada. A memória individual é incluída na memória coletiva, a exemplo, a memória de um sobrevivente de Auschwitz encontra-se inserida em um espaço coletivo, onde existem várias outras memórias do mesmo acontecimento. Seligmann-Silva (2000) diz que a memória é plural, pois existem várias versões de um mesmo acontecimento e cada memória corresponde aos fatos marcantes para o sujeito, dessa maneira, cada sujeito tem uma memória individual dentro de uma memória coletiva. Assim, lembramos de Araújo (2019) quando diz que a função de Auschwitz era reduzir o homem ao nada e destruí-lo. Auschwitz é sinônimo de destruição e, sendo assim, podemos dizer que o indivíduo que sobreviveu a toda essa destruição e que viu milhares de pessoas saindo do campo em forma de fumaça carrega consigo um trauma do horror, esse que se mistura em sua memória e faz com que o ato de testemunhar passe a ser uma necessidade, um refúgio.

Assim, é válido ressaltar que o testemunho do sobrevivente de Auschwitz encontra-se diretamente ligado a memória, segundo Beiersdorf (2010), nesse caso, o testemunho é a maneira de revelar a experiência vivida presa na memória, contudo, ela tem um grande teor de subjetividade, já que é em primeira pessoa. Dessa maneira, é preciso cautela e criticidade ao analisar um testemunho, uma vez que o mesmo se constitui a partir da memória e essa é seletiva, logo, o testemunho não representa o todo, apenas aquilo que por uma razão ou outra foi lembrado, mas não corresponde à realidade total. Além disso, a memória de cada um se configura na sua experiência pessoal, na maneira que cada indivíduo encarou a barbaridade vivida. Assim, Cytrynowicz (1995, p. 153) nos diz que “[...] a memória de Auschwitz exige silêncio, exige estranhamento, exige concentrado e delicado respeito pelo relato dos sobreviventes”.

Chegada de Levi em Auschwitz III – Monowitz

Primo Levi era um jovem químico e judeu italiano que foi capturado pelos nazistas em 1943. Naquela ocasião, ele foi enviado para o campo de Fóssoli - perto da Módena -, era para esse campo que os judeus italianos eram levados, contudo, o sofrimento maior de Levi não começou nesse momento, mas quando foi deportado para Auschwitz em 1944 juntamente com outros judeus. Ainda na viagem, começaram a ter noção do sofrimento que os aguardava quando chegassem no temido destino. De início, foram amontoados em um caminhão de carga e tratados como verdadeiros animais durante todo o percurso. A desumanidade era algo

evidente, a maneira animal com a qual eram tratados levava-os ao desespero e a não vontade de viver:

Foram justamente as privações, as pancadas, o frio, a sede que, durante a viagem e depois dela, nos impediram de mergulhar no vazio de um desespero sem fim. Foi isso. Não a vontade de viver, nem uma resignação consciente: dela poucos homens são capazes, e nós éramos apenas exemplares comuns da espécie humana. [...]. Sofríamos com a sede e o frio: a cada parada, gritávamos pedindo água, ou ao menos um punhado de neve, mas raramente fomos ouvidos; os soldados da escolta afastavam quem tentasse aproximar-se do comboio (LEVI, 1988, p. 15-16).

Observamos que ainda na viagem Levi e seus companheiros foram reduzidos ao nada, tiveram a dignidade roubada e mais do que isso, a vontade de viver, de resistir, de lutar. E foram justamente as pancadas, humilhações e o sofrimento que os lembravam que ainda estavam vivos. Assim que chegaram no campo tiveram seus destinos decididos por meio de uma seleção, os que estavam aptos ao trabalho foram separados dos inaptos. Os últimos foram para a câmara de gás, os primeiros passaram a sobreviver a sofrimentos contínuos, trabalhando em condições desumanas, com ferimentos e doenças como diarreia, tifo, escarlatina, além da má alimentação que os levavam a desnutrição. Sem contar as baixas temperaturas, os roubos constantes e da precariedade dos alojamentos, nos quais os prisioneiros eram amontoados em beliches e em um espaço relativamente pequeno, quando se leva em consideração a quantidade de prisioneiros alojados no barraco (bloco) - ressaltando que o campo era dividido em blocos (barracos de madeira).

Em suma, o campo tirava toda a dignidade do homem, suas roupas, seu cabelo, seu nome, seu sapato. Sem falar que a comunicação era algo complicado, pois havia milhões de pessoas e cada uma com um idioma, o qual os demais não compreendiam. Em seus textos Levi demonstra como se tratava de uma condição miserável:

[...] Chegamos ao fundo. Mais para baixo não é possível. Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão - e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubarão também o nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, deveremos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos (LEVI, 1988, p. 25).

Em seu trabalho Izidoro Blikstein (2016, p. 136-137) afirma que Auschwitz foi instalado e funcionava de tal modo, que era difícil acreditar que de fato o que aconteceu ali era real. A crueldade humana foi tamanha que até mesmo para os sobreviventes é difícil descrever. Isso porque uma memória traumática se formou e para alguns sobreviventes, a exemplo de Primo Levi, escrever e falar sobre o ocorrido era uma forma de alívio, mas, ao mesmo tempo, desesperador por não encontrar quem de fato ouvisse e acreditasse.

Araújo (2019) diz que no campo de concentração o terror era a principal ferramenta de repressão nazista. Eles travavam o psicológico dos prisioneiros de tal forma que conseguiam fazer o homem esquecer de sua origem humana, ficando também sem condições emocionais de reagir à condição imposta. Os prisioneiros tinham seus nomes substituídos por um número, o mesmo era tatuado no braço esquerdo (o de Levi era: 174.517) e era por esse número que se referiam a eles. E cabe ressaltar que apenas mostrando o número se recebia o pão e a sopa, e quando esqueciam de mostrá-lo tinham por punição o espancamento físico, o que era comum para os recém-chegados ao campo. Por outro lado, é pertinente destacar que os prisioneiros do campo estavam divididos em três categorias: os criminosos, os políticos e os judeus (grande maioria), todos eram identificados de acordo com o símbolo que tinham na roupa, no caso dos judeus, uma estrela de Davi. Os judeus formavam o grupo que recebia um tratamento diferenciado e mais cruel.

Levi relata que, no campo, eles aprendem que tudo serve, até aquilo que normalmente consideramos sem importância:

Aprendemos que tudo serve: o pedaço de arame, para amarrar os sapatos; os trapos, para envolver os pés; o papel, para forrar (embora proibido) o casaco contra o frio. Aprendemos que, por outro lado, tudo pode ser roubado; aliás, que é, automaticamente, roubado ao menor descuido, e para evitar isso tivemos que aprender a arte de dormir apoiando a cabeça numa trouxa feita com o casaco e contendo todos os nossos pertences, da gamela até os sapatos (LEVI, 1988, p. 31-32).

Em Auschwitz o homem não foi privado apenas de sua liberdade, mas de coisas básicas, a exemplo, a higiene. Levi (1988) diz que as condições às quais eles foram submetidos tirava a vontade de viver e a higiene passou a ser irrelevante para a maioria deles, inclusive para ele próprio nos primeiros dias. O mesmo relata que não havia água limpa e sabonete, por exemplo, para que pudessem tomar banho, cortar as unhas também era um problema, as das mãos só era possível serem cortadas com os dentes, já a dos pés quebravam em atrito com os sapatos. Para Levi, os sapatos eram verdadeiros instrumentos de tortura e a morte no campo começava por eles, pois poucas horas de caminhada causavam ferimentos dolorosos que facilmente se tornava uma infecção, mas logo ele compreendeu que dessa doença não era possível se curar no campo.

O registro diz que, no campo, todos trabalhavam, exceto os doentes. Porém, para se fazer reconhecer doente existia um processo complicado - afinal, todos estavam doentes, tanto física como mentalmente. O trabalho era duro e mais difícil ainda no inverno, já que trabalhavam sem nenhuma proteção contra o frio e ao ar livre:

[...] cada manhã, saímos do Campo em formação, dirigidos à fábrica; cada noite, em formação, voltamos. Quanto ao trabalho, estamos divididos em cerca de duzentos *Kommandos*, cada um com um mínimo de quinze homens e um máximo de cento e cinquenta, comandado por um Kapo. Há *Kommandos* bons e ruins; a maioria deles é

destinada aos transportes, e o trabalho é duro, principalmente no inverno, já que é feito ao ar livre. Há *Kommandos* de especialistas (eletricistas, ferreiros, pedreiros, soldadores, mecânicos etc.), cada qual destinado a certa oficina ou setor da fábrica, e dependente de maneira mais direta de mestres civis, em geral alemães e poloneses [...] (LEVI, 1988, p. 33).

Observamos que o campo era bem organizado e as funções bem distribuídas, mas aqueles que trabalhavam na fábrica exerciam uma função dura, sob vigilância, espancamentos e sem proteção de equipamentos necessários, além da condição física que se encontravam e que a cada dia era pior. Levi ainda afirma que nos domingos em que não trabalhavam na fábrica, trabalhavam na manutenção do campo, de modo que os dias de folga eram praticamente inexistentes. A vida dos prisioneiros se resumia a:

[...] Cada dia, conforme o ritmo fixado, Ausrucken e Einrucken, sair e voltar; trabalhar, dormir e comer; adoecer, sarar ou morrer. [...] Já apareceram, no peito de meus pés, as torpes chagas que nunca irão sarar. Empurro vagões, trabalho com a pá, desfaleço na chuva, tremo no vento; mesmo meu corpo já não é meu; meu ventre está inchado, meus membros ressequidos, meu rosto túmido de manhã e chupado à noite; alguns de nós têm a pele amarelada, outros cinzenta; quando não nos vemos durante três ou quatro dias, custamos a reconhecer-nos (LEVI, 1988, p. 34-35).

A luta para sobreviver no campo era constante. Além das dificuldades no trabalho, havia a precariedade dos alojamentos, da comida, a falta de água potável, as pragas, as doenças, os insultos, os roubos do pouco que se tinha, a falta de banho e de coisas básicas de higiene, a saudade de casa e o medo constante de morrer. Aqueles homens vegetavam enquanto estavam vivos, e, usando as palavras de Levi, eles eram apenas animais cansados.

Primo Levi é um exemplo de força e resiliência, representa também outros judeus que foram parar na câmara de gás e não tiveram como dar o seu depoimento desse momento. Por alguma razão Levi sobreviveu e, por meio do seu testemunho e sua memória traumática, podemos conhecer um pouco do que foi Auschwitz e do que o homem foi capaz de fazer ao homem. Se para nós é difícil imaginar o que aqueles homens passaram, mais terrível é para o sobrevivente conviver com essas memórias, como disse Araújo “[...] o sobrevivente se encontra em uma espécie de desfalecimento exercido em um transpassar entre a vida e a morte [...]” (2019, p. 62).

Primo Levi no laboratório de química e a libertação do campo

Como já foi dito anteriormente, o campo era dividido por *Kommandos*, havia os do trabalho duro e o dos especialistas, esses que durante o trabalho tinham um pouco mais de conforto. Um dos *Kommandos* de especialistas era o 98, o *Kommando* de química. Primo Levi era formado em química e, juntamente com outros prisioneiros, foi submetido a uma prova.

Ele foi aprovado e passou a trabalhar nesse *Kommando*, e conseqüentemente no laboratório, onde passou a fazer um trabalho mais leve. O local aquecido foi fundamental para que ele tivesse forças para resistir por mais tempo e, além de tudo, sobreviver ao inverno, que era um grande inimigo dos prisioneiros. Contudo, essa nova condição não o fazia diferente dos demais prisioneiros, o “conforto” era apenas no horário de trabalho.

Por outro lado, o trabalho no laboratório também favoreceu o acesso a objetos que eram fundamentais para a sobrevivência no campo e o fizeram desfrutar de uma nova condição.

Agora, cada manhã, na hora da divisão dos grupos, o Kapo chama, antes de todos, os três do Laboratório: *die drei Leute vom Labor*. Dentro do Campo, à noite e de manhã, nada me diferencia do rebanho, mas durante o dia, no trabalho, estou abrigado e quente, ninguém bate em mim, roubo e vendo sabão e gasolina sem correr muitos riscos; talvez consiga um vale para sapatos de couro. E, ainda, será que isto é trabalho? Trabalhar significa empurrar vagões, carregar caibros, rachar pedras, remover terra com a pá, apertar nas mãos nuas o arripio do ferro gelado. Mas eu estou sentado o dia todo, tenho caderno e lápis, deram-me até um livro para refrescar a memória quanto aos métodos analíticos. Tenho uma gaveta onde guardar boné e luvas; para sair, basta que avise Herr Stawinoga, que nunca diz que não e não reclama se me demoro. Ele parece sofrer na própria carne por causa da destruição que vê ao redor de si (LEVI, 1988, p. 143).

Mesmo trabalhando no laboratório e desfrutando de uma condição melhor que a dos demais prisioneiros, as humilhações não cessaram, afinal, ele continua judeu, com péssima aparência e fétido. E além disso, no laboratório haviam belas moças, bem vestidas, limpas e cheirosas e a simples presença delas já deixava Levi e seus companheiros em situação desconfortável. Elas também tinham prazer em os humilhar e os torturavam psicologicamente, além do que as moças desfrutavam de liberdade e conversavam sobre assuntos banais (festas, namorados, família), e isso era algo que entristecia Levi, afinal ele já estava há bastante tempo sem saber o que é viver a vida de verdade e pior, sem saber se sairia do campo vivo. Tudo isso ocorreu em fins de 1944, como é possível observar no trecho abaixo:

[...] Elas têm pele suave e rosada, roupas bonitas e coloridas, limpas e quentes, cabelo loiro, comprido e bem cuidado; [...]. Uma vez pedi uma informação a Fraulein Liezba; ela nem me respondeu, virou para Stawinoga com expressão aborrecida, falou-lhe depressa. Não compreendi a frase, porém *Stinkjude* (judeu fedorento) bem o compreendi e senti um aperto no coração. [...]. Estas moças cantam, como cantam todas as moças de todos os laboratórios desde mundo, e isso nos entristece profundamente. Conversam entre si, falam do racionamento de gêneros alimentícios, de seus namorados, de suas casas, das próximas festividades (LEVI, 1988, p. 144-145).

Nesse momento da guerra Levi e os demais prisioneiros já conseguiam ouvir em alguns momentos o estrondo dos canhões russos, o cerco para os alemães estava se fechando. Talvez a salvação estivesse perto e se aproximou ainda mais em janeiro de 1945. Levi ficou doente de escarlatina e foi parar na enfermaria, chamada de Ka-Be e, por ter febre alta e estar um pouco

debilitado, tinha direito a quarenta dias de isolamento e um conseqüente descanso. Foi justamente nesse momento que os russos se aproximaram e os alemães evacuaram os prisioneiros; foram evacuados os que estavam sadios e os doentes que estavam em condições de andar, todos nessas condições receberam roupas e sapatos para partir em uma caminhada. Em outras palavras, os alemães providenciaram uma fuga e buscaram apagar o terror que havia acontecido ali. E, além de evacuar os prisioneiros, os alemães também abandonaram o campo, destruíram algumas partes e fugiram.

Todos os sãos (a não ser uns poucos que, atendendo a sábios conselhos, no último instante tiraram a roupa e sumiram em algum beliche da enfermaria) partiram na noite do dia 18 de janeiro de 1945. Eram uns vinte mil, procedentes de vários campos. Quase todos desapareceram durante a marcha de evacuação [...] (LEVI, 1988, p. 157).

Os doentes que não tinham condições de caminhar continuaram no campo, um campo que, àquela altura, já estava praticamente destruído. Levi era um dos doentes que continuou lutando pela sobrevivência e, ao mesmo tempo, dando assistência aos que estavam mais doentes e assim permaneceu por dez dias. Foram dez terríveis dias, a luta foi grande e àquela altura o homem já não era mais homem. Aquela foi uma experiência que, para Levi, não pode ser chamada de humana, pois o homem tinha sido apenas uma coisa nas mãos de outros homens. Como disse Levi, não existem palavras no mundo aqui fora que sirvam para descrever o que aconteceu no campo. Ele diz que, em 26 de janeiro, já era possível observar o fim da obra que os alemães construíram, eles estavam definitivamente derrotados. No dia 27 os russos chegaram e fizeram o resgate dos que ali ainda estavam.

Anexo Secreto: o outro lado da Shoah

O sofrimento dos judeus durante a Segunda Guerra não se limitou aos campos de concentração e extermínio. A luta para não ser capturado pelos nazistas também ocasionou muito sofrimento, incluindo a separação familiar e as péssimas condições de sobrevivência de forma oculta. Como exemplo temos os porões e os casos dos meninos que, devido a circuncisão, tinham dificuldades de frequentar um espaço público obrigatório, acabando por se disfarçar de meninas como solução temporária. Segundo a matéria: *Os Sofrimentos das Crianças Escondidas*, publicada na *Enciclopédia do Holocausto*, havia organizações de resgate que davam suporte e abrigo a crianças judias. O procedimento era feito por meio de documentos falsos e que exigia a qualquer sinal dos agentes nazistas, a mudança de esconderijo. Além desses abrigos havia famílias que adotavam crianças judias, mas essas crianças muitas vezes tinham que ficar ocultas fisicamente, pois sua presença, certamente, despertaria suspeitas. Também havia aquelas

peessoas que se aproveitavam do desespero dos judeus e ofereciam ajuda com documentos falsos e fuga, mas quando recebiam o combinado acabavam traindo os mesmos e entregando-os para os agentes nazistas.

O esconderijo judeu mais famoso é sem dúvidas o Anexo Secreto - situado nos fundos de um prédio que funcionava como escritório - em Amsterdam, na Holanda, habitado pela família Frank, os Van Daan e o dentista Dussel. As famílias permaneceram escondidas por pouco mais de dois anos, com a ajuda de alguns bons amigos que levavam alimentos, livros e notícias do mundo exterior, antes de serem descobertas. Viver escondido exige algumas precauções, por exemplo não fazer nenhum tipo de barulho que pudesse chamar a atenção dos vizinhos, além da alimentação restrita, do medo constante de serem descobertos e o fato de compartilhar o mesmo ambiente com as mesmas pessoas 24 horas todos os dias, o que é no mínimo estressante. Dessa maneira, por meio da narrativa de Anne Frank iremos analisar o cotidiano em um destes esconderijos.

Falar em Anexo Secreto é, sem dúvidas, falar sobre Anne Frank, a jovem que escreveu o diário mais famoso do mundo e que por meio dele nos permitiu conhecer uma parcela da realidade de judeus que viveram escondidos durante a Shoah. Ressaltando que Anne escreveu em seu diário (praticamente, mas não exatamente, pois, algumas cartas ela escreveu horas após o ocorrido ou até mesmo dias) no momento em que as coisas ocorriam, logo, nos é possível perceber as emoções da jovem, emoções essas que iam sempre de um extremo ao outro, tanto no que se refere às emoções pessoais quanto ao medo constante de serem descobertos. Ela também fazia questionamentos a respeito da guerra e da condição que se encontravam apenas por serem judeus. Contudo, cabe ressaltar que o diário de Anne não é uma verdade absoluta a respeito do que ocorria no esconderijo, mas a visão da mesma, a maneira que ela encarava aquela situação e conflitos que eram frequentes no ambiente. Certamente cada integrante do Anexo teve sua própria visão a respeito da situação que se encontravam e das desavenças cotidianas.

Sendo assim, nos é oportuno explicar que o Diário de Anne é uma escrita de si, logo, como diz Andrade (2015), é subjetivo, porém nos possibilita analisar a Shoah por um outro ângulo, uma outra realidade, uma realidade que foge dos campos de concentração, mas que também envolve o medo constante de ser capturado e acabar em um deles. Além das condições difíceis que o ato de viver escondido e isolado exige, certamente provocando uma série de problemas emocionais e alguns constrangimentos, a exemplo a falta de privacidade em muitas situações. Nesse sentido, encontramos na autora citada a fala de Maria Teresa Cunha, que define os diários como portadores de grande sensibilidade, o que nos possibilita conhecer determinados aspectos cotidianos, além das emoções, tanto boas como o amor, quanto as ruins,

como o ressentimento. Observamos isso claramente no Diário de Anne Frank, a mesma em vários momentos se comportava de maneira rebelde e ressentida para com sua mãe, enquanto tinha arroubos de amor e carinho para com seu pai.

Por outro lado, como bem diz Santos (2020) a escrita de si dá novos sentidos à memória. Isso porque o indivíduo que escreve encontra-se inserido em um contexto familiar e coletivo. Logo, como a escrita de si é algo íntimo, certamente há outros personagens inseridos no enredo daquela escrita que estão diretamente ligados a memória relativa ao evento. Esse é um ponto nítido no diário aqui estudado, pois Anne tratava o diário como uma amiga e nele escrevia suas angústias, medos, sonhos, além de citar em muitos momentos os demais habitantes do esconderijo com os quais ela tinha um contato direto e contínuo e vivenciou vários momentos, tanto de alegria quanto de medo. Portanto, é necessário muito cuidado ao se trabalhar com esse tipo de análise, uma vez que se trata de uma escrita íntima inserida em um contexto coletivo.

Anexo Secreto por Anne Frank

Anne Frank foi uma judia alemã que viveu durante o período da Segunda Guerra Mundial. Alguém que lutou e se manteve forte no decorrer de toda a guerra, guerra essa que ela não via razões para existir. Anne era uma adolescente cheia de sonhos e que esperava ardentemente o fim da guerra para poder viver livremente, mas infelizmente, ao ver sua irmã morrer em condições precárias em um campo de concentração, toda a força de Anne parece desaparecer e alguns dias depois ela também faleceu. Contudo, para a análise aqui proposta, avaliamos o período de 1942-1944, que corresponde ao tempo em que permaneceu juntamente com a sua família e alguns amigos escondidos em um prédio que funcionava como escritório e registrou a experiência em seu diário pessoal.

Inicialmente, faz-se necessário ressaltar as razões pelas quais a família de Anne foi parar no Anexo. Por serem judeus, a família Frank vivia refugiada na Holanda, levavam vida normal até o início da perseguição aos judeus se iniciarem neste país. Com os decretos antissemitas, a vida dos judeus começou a mudar. De acordo com a carta escrita por Anne no dia 20 de junho de 1942 (201-?, p. 08-09), os judeus tinham que usar e deixar bem a vista uma estrela amarela (estrela de Davi), que era a identificação do povo judeu, além de não poderem mais andar de bonde, dirigir automóveis ou fazer compras em lojas que não fossem judias, em horário que ia das três as cinco horas. Às oito da noite, os judeus tinham que se recolher em suas residências e não podiam ficar nem mesmo em seus próprios jardins. Também eram proibidos de

frequentar locais de diversão, como cinema e teatro, e praticar esportes, além de só poderem frequentar escolas judias e ainda sob uma série de restrições.

Anne fala com saudosismo sobre algumas liberdades que lhe foram tomadas, mas ressalta que todas as restrições às quais estavam sendo submetidos não era por culpa dos holandeses. Só havia um responsável, aquele que tinha pelos judeus um ódio mortal, Adolf Hitler. Assim, na carta do dia 24 de junho de 1942 ela escreve:

[...] Só agora vejo como era gostoso andar de bonde, mas esse é um luxo proibido aos judeus. Temos mesmo é de andar a pé. [...]. Aos judeus só é permitido andar de barca. Há um pequeno barco que sai de Josef Israelskade, e o homem nos levou assim que pedimos. Não é por culpa do povo holandês que estamos passando todos esses vexames (FRANK, 201-?, p. 11).

Quando o clima começou a ficar tenso para os judeus em Amsterdam, o senhor Frank começou a organizar o esconderijo e aos poucos começou a transportar para o local objetos pessoais e necessários para a sobrevivência da família. Na carta escrita no dia 8 de julho de 1942 (201-?, p. 15-16) Anne explica que foi somente quando chegou uma notificação/convocação dos SS (*Schtzstaffel*, polícia nazista) endereçada a Margot (irmã de Anne) que anteciparam a ida para o esconderijo e partiram carregando tudo que podiam sem levantar suspeitas de que estavam fugindo. Em meio ao medo, a dúvida e angústia, as irmãs Frank juntaram tudo que conseguiriam levar, Anne deu prioridade ao seu diário (o mesmo que passou mais de dois anos a escrever posteriormente), livros da escola, cartas antigas, lembranças de toda sua vida, já que, para ela, as recordações eram mais importantes que os vestidos.

Anne destaca que, quando chegaram no local, as coisas não estavam devidamente arrumadas, essa tarefa eles teriam que realizar com todo o cuidado possível pois os vizinhos não podiam desconfiar que aquele local, os fundos de um edifício, era a nova casa da família Frank. Alguns dias depois a família Van Daan se juntou aos Frank no Anexo e sempre havia discussões e aborrecimentos por coisas corriqueiras.

[...] Os Van Daan chegaram no dia 13 de julho. [...]. Desde o dia em que chegaram, passamos a fazer as refeições juntos, sem a menor cerimônia, e, três dias depois, já parecíamos uma só grande família. [...] O sr. Van Daan e eu estamos sempre a nos irritar mutuamente. Com Margot acontece justamente o contrário, pois ele gosta muito dela. Mamãe me trata, às vezes, como se eu fosse um bebê, coisa que não suporto. Afora isso, as coisas vão indo. Não consigo gostar de Peter, ele é tão chato! [...]. Sempre fui muito estabonada e ontem quebrei em pedacinhos um dos pratos de sopa da sra. Van Daan. Ela ficou furiosa e gritou: - Será que não podia ter mais cuidado? É o último que tenho! - O sr. Van Daan anda uma seda comigo. Tomara que dure. Mamãe passou-me outro sermão terrível hoje de manhã; não aguento mais. Nossas ideias são absolutamente opostas [...] (FRANK, 201-?, p. 21-23).

Com situações assim, a família Frank, os Van Daan e, posteriormente, também o dentista Dussel passaram a viver no esconderijo que recebeu o nome de Anexo Secreto. Nos cabe, então, analisar brevemente o cotidiano e as condições em que essas pessoas viviam por meio do diário escrito por Anne. Salientando que o diário é uma “escrita de si”, ou seja, é a escrita da memória, das emoções e dos sentimentos da autora. Em outras palavras, a verdade conforme ela encarava as situações pelas quais estava passando, o que, claro, não vem a ser a verdade dos demais habitantes do Anexo. É válido ressaltar que o diário de Anne sofreu algumas alterações, sendo a primeira feita por ela mesma, uma vez que quando decidiu publicar o diário após a guerra (isso ainda no Anexo), começou a lê-lo e a fazer correções em algumas partes que julgava não adequadas para serem levadas a público. O diário foi publicado em 1947, por Otto Frank, o pai da jovem, pois a mesma não havia sobrevivido.

Nas cartas de setembro a novembro de 1942 Anne diz que a convivência com sua mãe, com a senhora e o senhor Van Daan não era das melhores, estavam sempre em atrito por alguma razão. A menina tinha uma personalidade forte e se sentia mal pela maneira que era vista, ou melhor, pelos adjetivos que lhes eram empregados, como: malcriada, teimosa, mandona, preguiçosa. Anne se sentia triste ao ser tratada dessa forma e refletia a respeito na medida em que ia conversando com Kitty (escrevendo em seu diário). Além disso, a garota também relata as emoções do Anexo, as pequenas comemorações em datas simbólicas, os aniversários, a rotina de estudos, as leituras, a alimentação e a visita dos amigos que deram o apoio e cobertura necessária para que se mantivessem escondidos. Por outro lado, também existiam as privações, a necessidade de adaptação a uma nova maneira de viver, da tensão e do medo constante de serem descobertos, principalmente quando havia uma movimentação estranha no prédio, e, claro, isso fazia com que eles redobrassem os cuidados para não fazer nenhum tipo de barulho que pudesse despertar a curiosidade do estranho e uma possível descoberta. Além dos cardápios repetidos e que causavam enjoos, conforme observamos no seguinte trecho: “- Mas será possível! Só vejo morango na minha frente! É Miep a cozinhar morango, é morango de manhã, para o café, é cheiro de morango por tudo quanto é canto; quero descansar, venho aqui para cima e o que encontro? Morango!” (FRANK, 201-?, p. 177).

Na sexta-feira, 9 de outubro de 1942 Anne estava triste, havia recebido notícias do mundo exterior e a situação dos judeus estava terrível. Com o aumento das perseguições, mais judeus passaram a ser capturados pela Gestapo e estavam sendo deportados para Westerbork, um grande campo de concentração para judeus localizado em Drente. Era terrível receber aquele tipo de notícia e ter conhecimento das mortes em câmaras de gás, isso chocava Anne e a deixava nervosa, preocupada, com medo e também triste. Eram situações como essa que a faziam refletir. Em muitos momentos, ela se sentia incomodada por estar vivendo escondida e

naquelas condições, contudo, ela reconhecia que existiam judeus em situações piores e que em comparação à deles, a vida no anexo era até confortável. Anne questionava e refletia a respeito de toda aquela situação, pois sabia que estavam naquelas condições apenas por serem judeus, não apenas ela e sua família, mas todos os judeus que se encontravam em situações semelhantes e também piores.

O último integrante do grupo que viveu no Anexo, o dentista Dussel, chegou com más notícias e Anne às relata na carta do dia 19 de novembro de 1942, a situação dos judeus estava cada vez pior, os alemães percorriam rua a rua, iam de casa em casa a procura de judeus, que não tinham chances de escapar a menos que se escondessem. Ninguém era poupado – velhos, crianças, grávidas, doentes, todos eram levados em marcha para a morte. Muitos dos judeus capturados eram conhecidos, amigos de Anne e da família e ela ficava apavorada só em pensar no triste destino dos mesmos.

Nos últimos meses em que esteve no Anexo e ainda escrevendo o diário, Anne falava de sua espera pelo fim da guerra, guerra essa que, para ela, não fazia sentido, mas a menina tinha fé que os alemães fossem derrotados e os judeus pudessem, novamente, voltar a viver. Assim, ela fazia planos para o futuro, sonhava em ser escritora; ela tinha talento e sabia disso. Anne tinha muita força e vontade de viver, chega a ser comovente ler os seus desejos, suas esperanças, sonhos e ter conhecimento do seu triste fim. Mas Anne, embora não tenha vivido, se tornou uma grande escritora e deixou seu testemunho daquele terrível momento. Por meio dela, podemos ter acesso a uma outra realidade dos judeus, os que viviam escondidos na esperança de sobreviver, ou seja, um outro terrível lado da Shoah.

Considerações Finais

Mediante o que foi exposto fica claro que a Segunda Guerra Mundial foi um momento terrível e a Shoah tirou dos judeus o direito de serem humanos, essas pessoas foram reduzidas à insignificância e receberam o pior tratamento possível. O sofrimento e a luta dos judeus pela sobrevivência é algo que comove e que deve sempre ser lembrado e explorado, uma vez que, por mais que estudemos e escrevamos a respeito desse momento histórico, sempre haverá novas informações a serem registradas.

Um genocídio que atingiu milhões de judeus, apenas por serem judeus, é algo que não deve ser esquecido, em respeito às vítimas. Por outro lado, é preciso expor as várias faces da Shoah, pois é um acontecimento que não se resume apenas aos campos de concentração e extermínio, como o complexo de Auschwitz, ou aos esconderijos, como o Anexo Secreto. É um

acontecimento amplo e que deve ser enxergado como tal, pois, ao estudar e falar do mesmo estamos lidando com vidas humanas, vidas essas que sofreram humilhações e agressões de vários tipos até chegarem de fato à morte. E aqueles que conseguiram sobreviver tiveram que ser fortes pelo resto de suas vidas e conviver com uma memória daqueles terríveis dias.

Assim, temos em Primo Levi e em Anne Frank duas partes de uma mesma realidade, cada um com sua experiência. O primeiro vivendo os horrores de Auschwitz e sobrevivendo; a segunda vivendo em um esconderijo, sendo capturada e não sobrevivendo. São duas faces distintas de um mesmo acontecimento e ambos são exemplos de força e coragem, e representam os milhares de judeus que tiveram suas vozes caladas e ficaram no anonimato. Nesse sentido, estudar Primo Levi e Anne Frank é conhecer o trauma de um sobrevivente e a esperança e vontade de viver de uma adolescente, que ansiava pelo fim da guerra, para dar seu testemunho e realizar seus sonhos. É ver em ambos, sonhos e planos que foram destruídos e interrompidos, assim como também o dos demais judeus, sejam crianças, jovens, adultos, anciãos.

As memórias de primo Levi e Anne Frank, apesar de serem individuais, estão inseridas no coletivo. Assim, por meio do testemunho dele e dos registros dela, podemos conhecer outros sujeitos que passaram por situações semelhantes, sendo possível compreender que um acontecimento coletivo atingiu os indivíduos de maneira particular, pois cada um reagiu da maneira que estava preparado. E não apenas as pessoas inseridas nas respectivas situações, mas também o espaço que estavam e como eles enxergavam esses lugares, dessa maneira, trata-se de memórias muito ricas que englobam acontecimentos dentro de um acontecimento geral, além de vários personagens e claro, a descrição dos espaços. Em suma, temos exemplos claros de memória seletiva, uma vez que os escritos de ambos são frutos da seleção de momentos que marcaram tanto um quanto o outro. Momentos estes que fazem parte da individualidade de cada um, já que se trata de eventos que por uma razão ou outra marcaram aquelas pessoas, constituindo-se em memórias individuais e, por conseguinte, essas memórias também estão inseridas no coletivo, já que nos dois casos temos outras pessoas naquele espaço, tanto no campo de Auschwitz III quanto no Anexo Secreto.

Dessa maneira, estudar e falar sobre os judeus que viveram esse momento terrível é conhecer o que o homem foi capaz de fazer com o homem e compreender que cada vida atingida é digna de respeito. Falar de Levi e de Anne é lembrar de todos aqueles que tiveram experiências semelhantes e suas vidas ceifadas. Que as ações alemãs não sejam esquecidas, pois, esquecer das mesmas é esquecer de todo sofrimento que foi provocado aos judeus, é apagar uma parte da história.

THE JEWISH STRUGGLE IN WORLD WAR II: *THIS IS A MAN AND ANNE FRANK'S DIARY*, TWO FACES OF AN EVENT

Abstract: This article aims to describe Auschwitz III – Monowitz and the Secret Anne from *Is This a Man?*, by Primo Levi, and *the Anne Frank Diary*, authored by the same, taking into account the type and moment of writing in both books. Thus, we will briefly discuss the concepts of memory, testimony and self-writing, based on the authors: Michael Pollak; Márcio Seligmann-Silva; José Antonio Zamora; Aremys Santos and Fernanda Andrade. As for the analysis of the sources, we used the historical-descriptive method, which allowed us to preserve and make a new record of Primo Levi's testimony and Anne Frank's personal records, both essential to understand Shoah by two different points of view. Emphasizing that this is a basic nature research, whose approach is qualitative and aims to produce knowledge about this topic of great importance and, at the same time, keeps alive the memory of the victims of Shoah.

Keywords: Primo Levi. Anne Frank. Individual and collective memory. A testimony. Writing of you.

LA LUCHA JUDÍA EN LA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: *¿ES ESTO UN HOMBRE? Y EL DIARIO DE ANNE FRANK*, DOS CARAS DE UN ACONTECIMIENTO

Resumen: Este artículo tiene como meta describir Auschwitz III – Monowitz y el Apego Secreto de desde *¿Es esto un hombre?*, de Primo Levi, y *El diario de Anne Frank*, del mismo autor, teniendo en cuenta el tipo de redacción y el tiempo de redacción de ambos. Así, discutiremos en breve los conceptos de memoria, testimonio y auto escritura, a partir de los autores: Michael Pollak; Márcio Seligmann-Silva; José Antônio Zamora; Aremys Santos y Fernanda Andrade. En cuanto al análisis de las fuentes, utilizaremos el método histórico-descriptivo, que nos permitió preservar y hacer un nuevo registro del testimonio de Primo Levi y los registros personales de Anne Frank, ambas cosas imprescindibles para entender la Shoah mediante dos realidades distintas. Destacando que se trata de una investigación de personaje básico, cuyo enfoque es cualitativo y busca nuevos conocimientos para este tema tan importante y al mismo tiempo mantiene viva la memoria de las víctimas de la Shoah.

Palabras clave: Primo Levi. Anne Frank. Memoria individual y colectiva. Un testimonio. Auto escritura.

Referências

Fontes

FRANK, Anne. **O Diário de Anne Frank**. Tradução: Elia Ferreira Edel. Ed. integral. São Paulo: Círculo do livro, digitalização: SCS, 201-?. Disponível em: <https://lelivros.love/book/download-o-diario-de-anne-frank-anne-frank-em-epub-mobi-e-pdf/>. Último acesso em 02.mar.2021.

LEVI. Primo. **É Isto um Homem?** Tradução: Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. Último acesso em 25.fev.2021.

Bibliografia

ANDRADE, Fernanda Jaime. A escrita de si: história e memória no diário de uma adolescente. In: **XXVIII Simpósio Nacional de História**, Florianópolis, 2015, p. 1-17. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945024_ead34f43becc4981f0db37c81ae4963b.pdf. Último acesso em 19.fev.2021.

ARAÚJO, Fabrício Paiva. **Horrores Inimagináveis: memória, trauma e testemunho do Holocausto em Primo Levi**. 2019. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://sig.cefetmg.br/sigaa/verArquivo?idArquivo=2305468&key=9e0d20eb8203b1da7dcc26557d32028>. Último acesso em 15.fev.2021.

BEIERSDORF, Danielle da Silva Maçaneiro. **Memória e Testemunho: relatos de sobreviventes do Holocausto**. 2010. Monografia (Graduação Licenciatura Plena em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2010. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/monografia/danielemaçaneiro.pdf. Último acesso em 16.fev.2021.

BLIKSTEIN, Izidoro. O aniquilamento do corpo em Auschwitz: análise semiótica do relato de Primo Levi. In: **IDE**, São Paulo, n. 39, 2016, p. 135-146. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062016000200010&lng=pt&nrm=iso. Último acesso em 15.fev.2021.

CYTRYNOWICZ, Roney. Auschwitz e o turismo da memória. In: **Revista UPS**, São Paulo, 1995, p. 148-153. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/revusp/article/download/28158/29969>. Último acesso em 15.fev.2021.

ENCICLOPEDIA DO HOLOCAUSTO. **Os Sofrimentos das Crianças Escondidas**. Disponível em: <https://encyclopedia.usmm.org/content/pt-br/article/hidden-children-hardships>. Último acesso em 14. fev. 2021.

MEMORIAL AUSCHWITZ BIRKENAU. **Auschwitz – Birkenau: história e presente**. Disponível em: http://auschwitz.org/gfx/auschwitz/userfiles/auschwitz/historia_terazniejszosc/auschwitz_historia_i_terazniejszosc_wer_portugalska_2010.pdf. Último acesso em 15.fev.2021.

PELUCIO, Syrlyane de Castro Queirós. **Trauma de Sobrevivência: uma análise de É Isto um Homem?**. 2014. Monografia (graduação em Bacharelado em Humanidade) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção –CE, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unilab.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/201/1/Syrylyane%20de%20Castro%20Queir%C3%B3s%20Pelucio.pdf>. Último acesso em 20.fev.2021.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 10, v. 5, 1992, p. 200-212. Último acesso em 16.fev.2021.

SANTANA, Évila de Oliveira Reis. Auschwitz: “nunca mais!”. in: **Iberoamerica global**, v. 1, n. 4, 2008, p. 224-246. Disponível em: <http://www.ignaciodarnaude.com/espiritualismo/Auschwitz,nunca%20mais,Reis%20Santana.pdf>. Último acesso em 15.fev.2021.

SANTOS, Aremys Nascimento. O Diário de Anne Frank: literatura e turismo cultural entrelaçados aos lugares da memória. In: **Rev. Interd. em Cult. e Soc.** São Luís, n. 1, v. 6, 2020, p. 164-172. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/13919/7553>. Último Acesso em 19.fev.2021.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Auschwitz: história e memória. In: **Pro-Posições**, v. 1, n. 5, 2020, p. 78-87. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644045/11489>. Último acesso 15.fev.2021.

ZAMORA, José Antônio. Memória e história frente a Auschwitz. In: **Revista InSURgência, Brasília**, n. 1, v. 4, 2018, p. 109-143. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/download/28830/24539>. Último acesso em 15.fev.2021.

SOBRE A AUTORA

Josefa Robervania de Albuquerque Barbosa é graduada em História pela Universidade de Pernambuco (UPE).

Recebido em 07/08/2021

Aceito em 29/12/2021